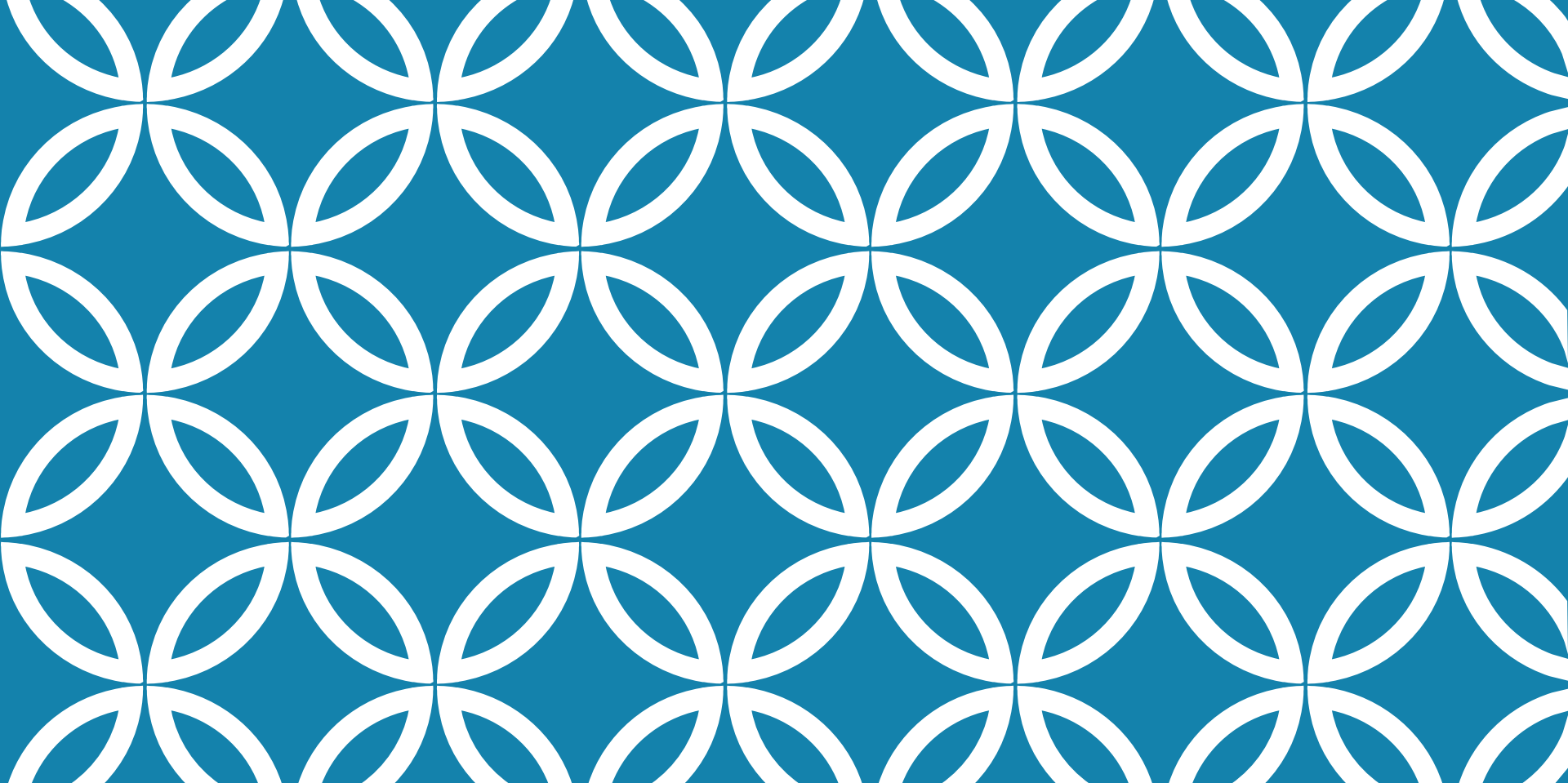




PARA ALÉM DO INDIVÍDUO: PERSPETIVA DAS PRÁTICAS SOCIAIS

OPEN-SOC

Debates Teóricos Contemporâneos

Ano letivo 2024-2025

Mónica Truninger

TEORIAS DAS PRÁTICAS SOCIAIS/ TEORIA DA PRÁTICA

- Não há um corpo homogêneo e coerente que se possa designar como uma teoria da prática (Reckwitz (2002) fala em 'tipo ideal');
- É uma família de conceptualizações teóricas sobre a prática social que tem diversas correntes e autores (e.g. Giddens, Bourdieu, Foucault, Schatzki, etc.)
- Mas, como em qualquer família, apesar de conflitos e desacordos nalgumas coisas, há traços comuns que podem ser identificados, os quais fazem sentido tornar visíveis para fazer emergir um corpo mais consistente de ideias que colocam o enfoque nas práticas sociais.

QUAIS OS ASPECTOS COMUNS?

- UM **DESCENTRAMENTO** DO INDIVÍDUO PARA A PRÁTICA. ISSO IMPLICA UMA MUDANÇA DE LENTE ONTOLÓGICA, EPISTEMOLÓGICA E ANALÍTICA QUE É MUITO CONTRAINTUITIVA;
- UM ENFOQUE NOS **PROCESSOS DE ROTINIZAÇÃO**, NO FLUXO DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ENRAIZADAS NAS ATIVIDADES QUE SE FAZEM NO DIA-A-DIA;
- ÊNFASE NO USO PARA FAZER SENTIDO DAS COISAS, DAS PALAVRAS, DA LINGUAGEM, DOS OBJETOS NO QUOTIDIANO. ESTES GANHAM SENTIDO E TÊM EXISTÊNCIA **NO SEU USO ROTINIZADO**.
- UMA **POSIÇÃO CRÍTICA E DE REJEIÇÃO** AO INDIVIDUALISMO/HOLISMO; OU OBJETO/SUJEITO. PROPOSTA DE ULTRAPASSAR A DICOTOMIA AGENCIA-ESTRUTURA

TANTO A INDIVIDUALIDADE COMO A ORDEM SOCIAL RESULTAM DAS PRÁTICAS
(SCHATZKI, 1996, P. 13).

O QUE É A PRÁTICA SOCIAL PARA THEODORE SCHATZKI (1996: 89)

“practice as a temporally unfolding and spatially dispersed nexus of doings and sayings. Examples are cooking practices, voting practices, industrial practices, recreational practices, and correctional practices. To say that the doings and sayings forming a practice constitute a nexus is to say that they are linked in certain ways. Three major avenues of linkage are involved: (1) through understandings, for example, of what to say and do; (2) through explicit rules, principles, precepts, and instructions; and (3) through what I call “teleoaffective” structures embracing ends, projects, tasks, purposes, beliefs, emotions, and moods”

“Prática como um nexo temporalmente desdobrado e espacialmente disperso de fazeres e dizeres. Exemplos são práticas culinárias, práticas de votação, práticas industriais, práticas recreativas e práticas correcionais. Dizer que os atos e ditos que formam uma prática constituem um nexo é dizer que eles estão ligados de certas maneiras. Três vias principais de ligação estão envolvidas: (1) por meio de entendimentos, por exemplo, do que dizer e fazer; (2) por meio de regras, princípios, preceitos e instruções explícitos; e (3) através do que chamo de estruturas “teleoaffectivas” que abrangem fins, projetos, tarefas, propósitos, crenças, emoções e estados sentimentais”.

PRÁTICAS

(SHOVE, PANTZAR AND WATSON, 2012 AFTER SCHATZKI, 1996)

Prática-como-entidade:
prática como a ligação entre vários elementos

Prática-como-performance: é através da 'performance' que o 'padrão' da prática-entidade é preenchido e reproduzido.



ENTIDADE E PERFORMANCE

“A useful analytical distinction can be made between **practices as performances and practices as entities** (Schatzki 1996; Shove et al. 2012; Warde 2005). Practices as entities have a history and a trajectory, or path of development, but at the same time only exist through their performance. **Performance and entity are therefore recursively related rather as agency and structure in Giddens’s theory of structuration.**” (Welch e Warde, 2015, 85).

DUALIDADE DA ESTRUTURA (GIDDENS, 1984)

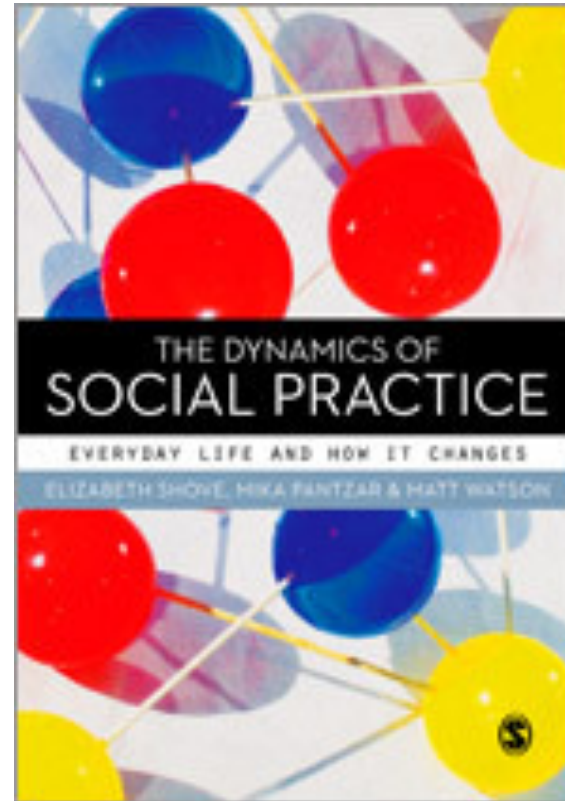
“O conceito de estruturação implica o de dualidade da estrutura, o qual se encontra em relação com o caráter fundamentalmente recursivo da vida social e expressa a dependência mútua entre estrutura e agencia. (...) **As propriedades estruturais dos sistemas sociais são simultaneamente o médium e o resultado das práticas que elas recursivamente organizam** (...) A estrutura tanto capacita como constrange (...). De acordo com esta concepção, **as mesmas características estruturais são parte integrante tanto do sujeito (ator) como do objeto (a sociedade)**” (Giddens, 2000, p. 43).

O QUE É A PRÁTICA SOCIAL?

Para Reckwitz (2002)

“A ‘practice’ (Praktik) is a routinized type of behaviour which consists of several elements, interconnected to one another: forms of bodily activities, forms of mental activities, ‘things’ and their use, a background knowledge in the form of understanding, know-how, states of emotion and motivational knowledge” (Reckwitz, 2002: 249-250).

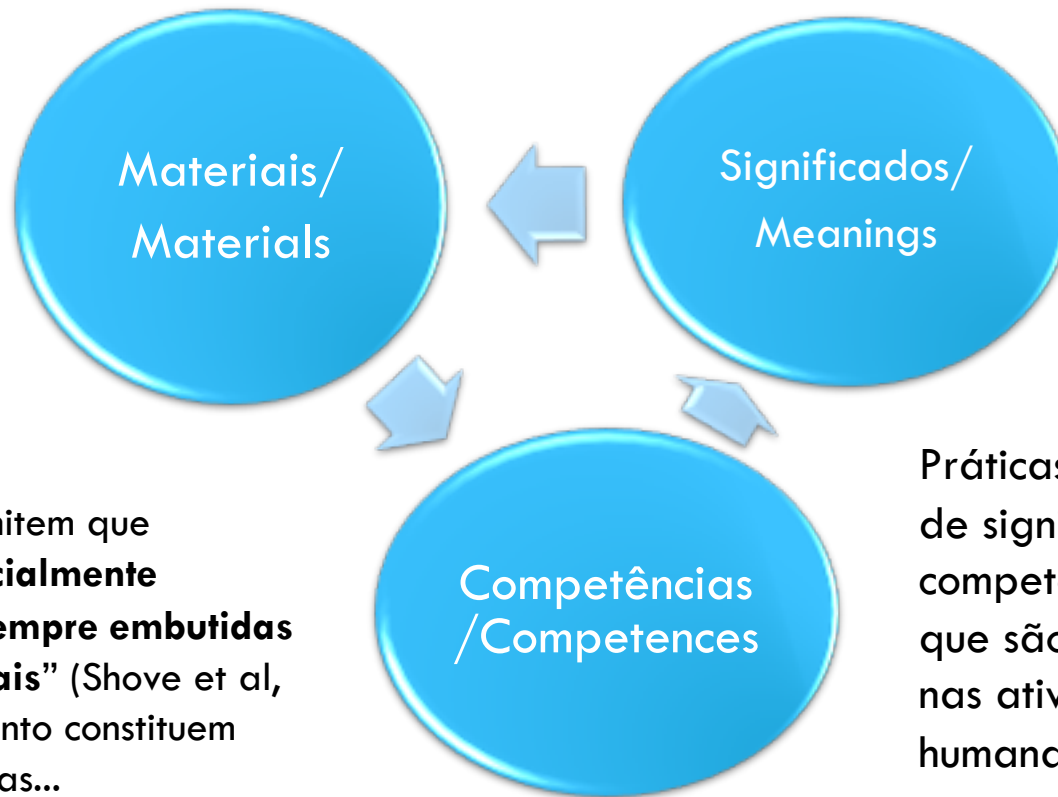
Shove, E.; Pantzar, M.;
Watson, M. (2012),
*The Dynamics of Social
Practice – Everyday Life
And How it Changes*, London: Sage.



AS PRÁTICAS SOCIAIS E AS SUAS DINÂMICAS

PRÁTICAS

(SHOVE E PANTZAR, 2005; SHOVE ET AL, 2007, SHOVE ET AL, 2012...
INFLUENCIADOS POR RECKWITZ, OBJECTOS SÃO ELEMENTOS DENTRO DAS PRÁTICAS)



Mas recentemente
Shove e colegas admitem que
“as práticas são **parcialmente constituídas por e sempre embutidas nos arranjos materiais**” (Shove et al, 2015:1). As coisas tanto constituem como ligam as práticas...

Práticas: blocos de significados, competências e materiais que são conectados nas atividades humanas.

As práticas são geradas, sustentadas e reproduzidas através de processos de cortes e ligações entre estes elementos...

ARRANJOS MATERIAIS E PRÁTICAS

Em Schatzki objectos, artefactos, natureza, organismos estão fora da prática, não são componentes das práticas, mas as práticas ligam-se aos arranjos materiais. Co-relação entre práticas e arranjos materiais.

ARRANJOS MATERIAIS E PRÁTICAS

QUESTÕES DE ESCALA (SEM HIERARQUIZAR)

Bundles of practice-arrangements: grupos de práticas e arranjos materiais que estão interligados.

Constelações: as conexões entre estes grupos de práticas e arranjos materiais multiplicam-se e formam fenómenos mais alargados como as constelações.

Practice plenum: é o nexus total das práticas e dos arranjos materiais. Não contém apenas uma prática ou arranjo material, mas sim várias práticas e arranjos materiais. Multiplicidade de práticas e arranjos materiais que se estende no espaço e no tempo. Ideia de horizontalidade e de ontologia 'plana' ('flat').

LIGAÇÕES ENTRE PRÁTICAS

Bundles (conjuntos/grupos de práticas):

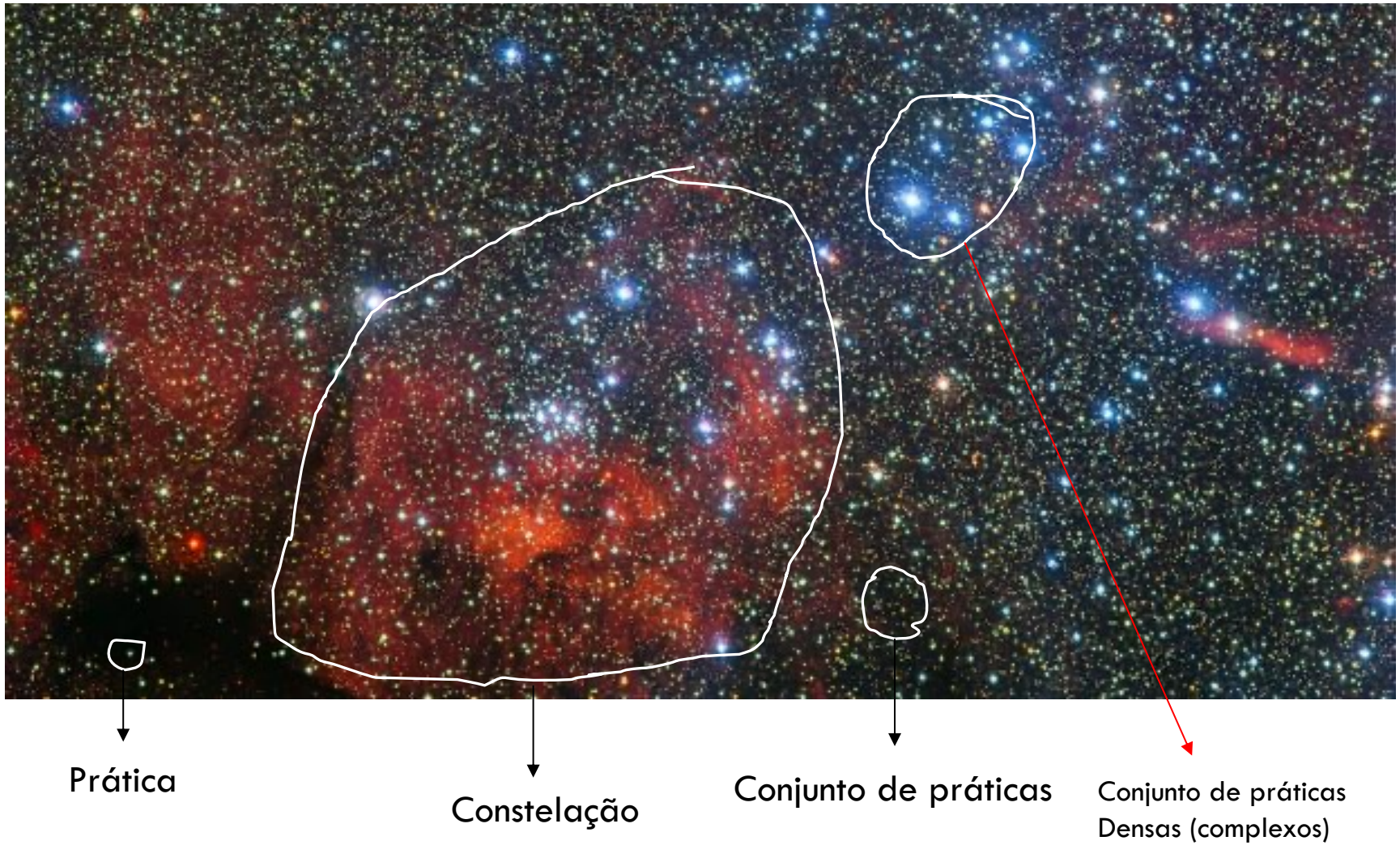
“Bundles are loose-knit patterns based on the co-location and co-existence of practices”

Complexos de práticas:

“Complexes represent stickier and more integrated combinations, some so dense that they constitute new entities in their own right”

(Shove, Pantzar e Watson, 2012: 81)

Plenum dos conjuntos de práticas e arranjos materiais
(arranjos materiais como a 'matéria negra' do plenum)



ONTOLOGIA PLANA DE SCHATZKI

"The plenum of practices and arrangements is not composed of these **two levels [individuals and structures/systems/institutions]**. Nor is it itself one or the other of them. In fact, practice theory generally holds that **significant features of both individuals and their activities and structures and institutions are products, elements, or aspects of practices** (i.e. practice-arrangement bundles) (...). Hence, as Bruno Latour argues, there is nothing social, no level of social phenomena, **'above' this mass: no structure or system that collects, encompasses, holds, or determines practices, arrangements, bundles, and constellations.** What there is to social life is entirely played out in the practice-arrangement plenum. Hence, **social life does not admit levels.** Or rather, it encompasses just one level: **the plenum of practice-arrangement bundles.** It also follows from these considerations that 'macro' and 'micro' cannot designate distinct levels of society" (Schatzki, 2016: 33).

SCHATZKI (2015)

“All social phenomena... are slices or sets of features of the plenum of practices and arrangements, differing simply in the continuity, density, and spatial-temporal spread and form of practices, arrangements and relations that compose them. It follows that social phenomena – large or small, fleeting or persistent, micro or macro – **have the same basic ingredients and constitution.**” (Schatzki, 2015, cit. Watson, 2017, p. 175).

Isto quer dizer que tanto as práticas em casa como aquelas que se fazem no parlamento, nas salas de direção de grandes empresas, no gabinete do primeiro ministro são todas elas organizadas por nexus de dizeres e fazeres que comportam diversos elementos consoante a versão de PT que estamos a usar: saber incorporado, materiais, significados, regras, emoções que são mundanos e rotinizados em padrões de atividade.

TIPOS DE RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS

Dependencia

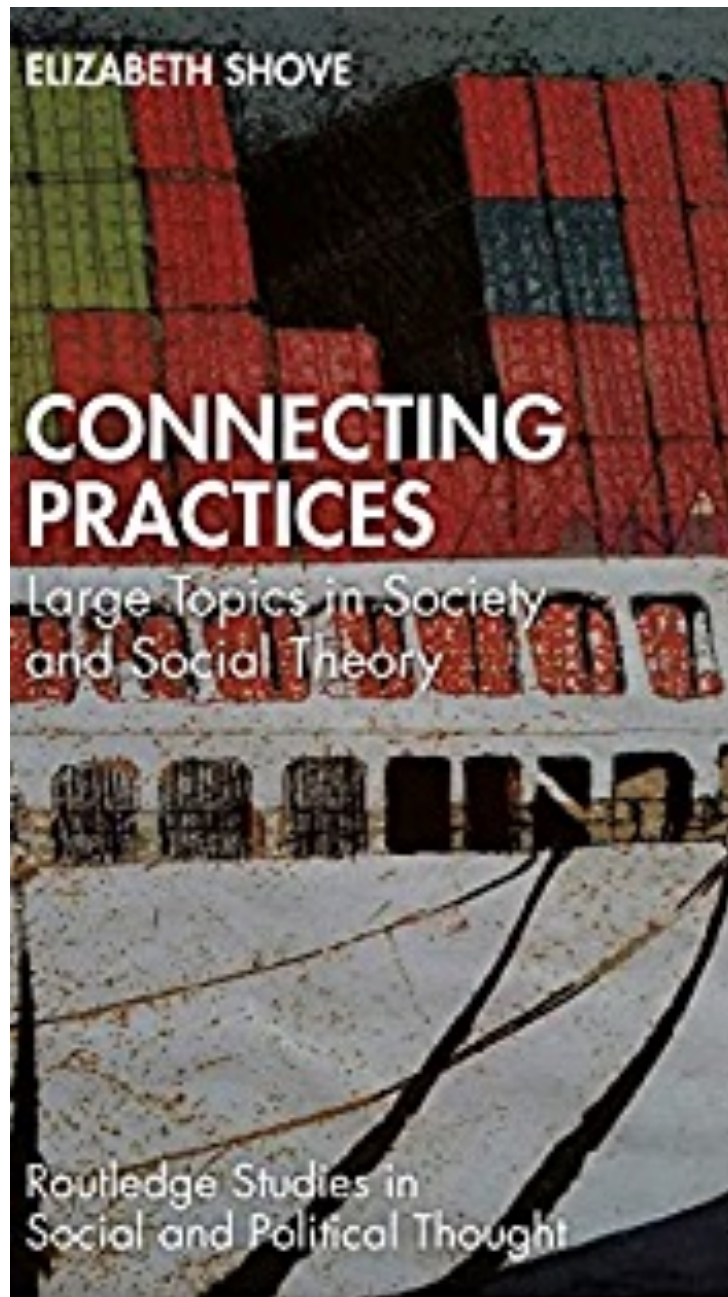
Co-localção

Competição

Sequenciação

Sincronização

2023



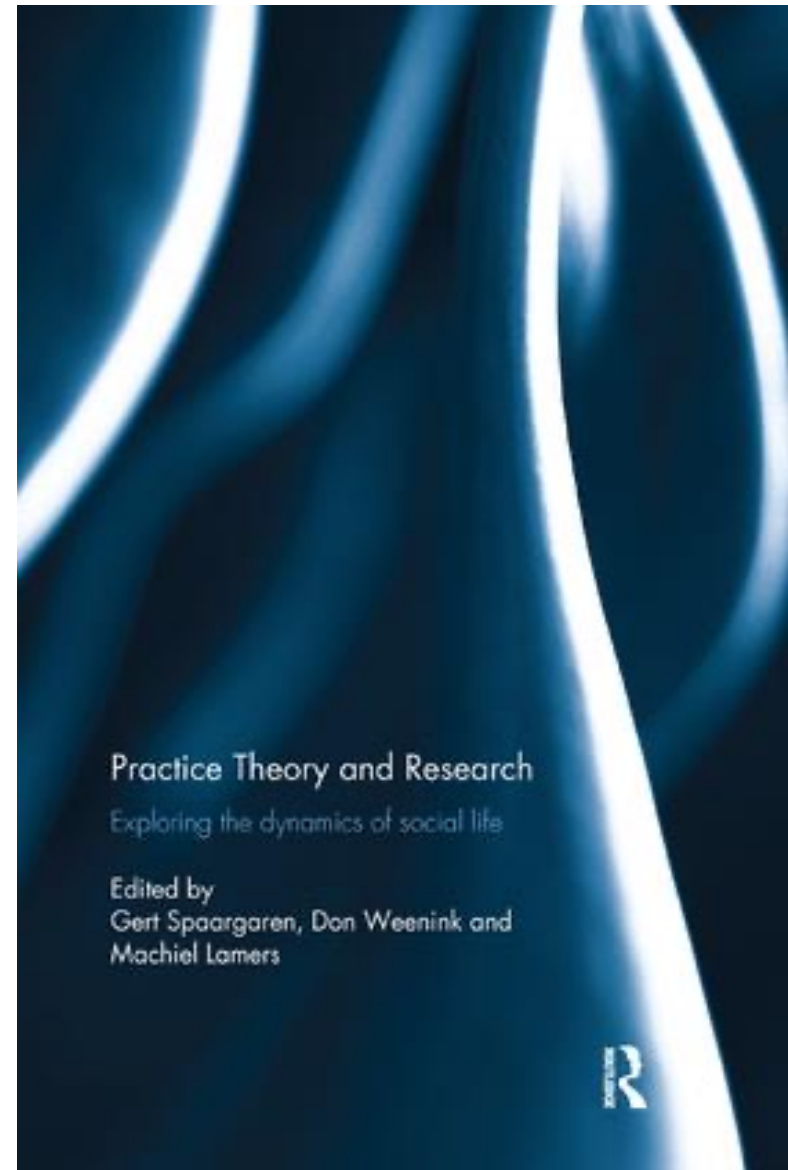
SPAARGAREN ET AL (2016)

“Nalgumas versões da teoria da prática o indivíduo parece quase desaparecer (...). Pensamos que ser silencioso sobre o papel dos atores humanos na reprodução das práticas não é a estratégia mais promissora. Em vez disso, o papel dos atores individuais como ‘praticantes’ deve ser conceptualizado de forma mais convincente. Sim, atores humanos individuais ou agentes exercem agência, tem um estilo de vida e possuem capacidades transformadoras. As habilidades, capacidades, competências, valores, emoções podem ser observadas, medidas, monitorizadas na investigação das ciências sociais. **Porém, não podem ser analisadas e propriamente entendidas quando são tratadas de forma isolada, sem ter em conta as práticas com as quais se ligam e de onde originam.** As teorias da prática defendem que a capacidade de atores humanos individuais de atuar e intervir no mundo é produzida nas e através de constelações de práticas sociais existentes. **As práticas produzem agentes humanos tanto como os agentes humanos produzem as práticas”** (p. 11).

SPAARGAREN, WEENINK, LAMERS (2016)

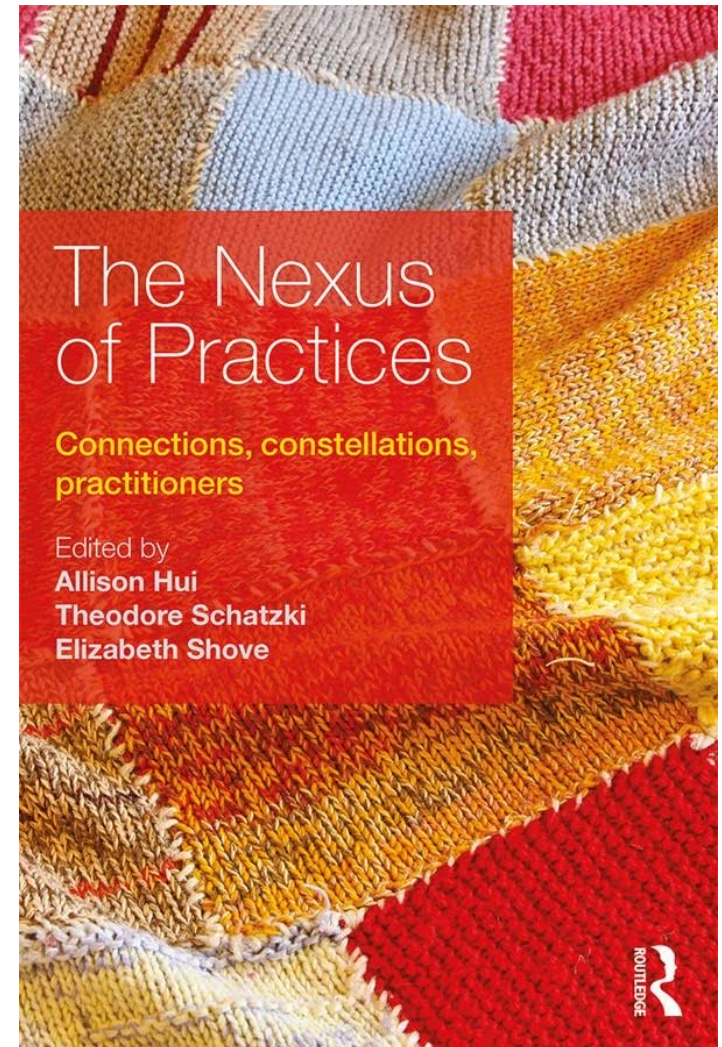
Conceito de prática (inspirado em Schatzki, Giddens e Shove)

“Social practices are shared, routinized, ordinary ways of doings and sayings, **enacted by knowledgeable and capable human agents who – while interacting with the material elements that co-constitute the practice – know what to do next in a non-discursive, practical manner**” (p. 6).



LIMITES DAS TEORIAS DA PRÁTICA

- Dificuldade na operacionalização empírica da prática. Demarcação de fronteiras entre práticas. E que 'performances' pertencem a uma mesma prática? (ver Warde, 2014 e 2016)
- Dificuldade em conceber uma concepção de ação alternativa baseada em hábitos e rotinas em condições de distração... (ver Warde, 2014 e 2016)
- Foco na materialidade/objectos (e o humano? Processos de criatividade e improvisação?) (ver Hui, Schatzki e Shove, 2017)
- Integrar concepções de economia política (poder, lobbies), instituições, estrutura social, desigualdades sociais (ver Hui, Schatzki e Shove, 2017; Shove 2023).
- Mudança social (ver Schatzki, 2019)
- Interação social (ver B. Halkier e M. Keller)
- Acção Colectiva/Colectivos (Welch e Yates, 2018)
- Indivíduo (deslocação para a prática faz perder o individuo? Ver Spaargaren et al, Warde, etc.)
- Não humanos, animais, etc. (ver Strengers e Maller, 2019)



EDITED BY
CECILY MALLER & YOLANDE STRENGERS

2019



SOCIAL PRACTICES AND DYNAMIC NON-HUMANS

Nature, materials and technologies



DUAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS: UMA MAIS RÍGIDA E OUTRA MAIS FLEXÍVEL

Zooming in (olhar de perto as práticas, análise de práticas situadas)

Preferência por etnografia, observação participante, go-along, primazia dos métodos qualitativos (Schmidt, 2016). Alguns autores que desaconselham o uso de métodos quantitativos (Nicolini, 2012). Ou até histórias de evolução e desenvolvimento das práticas ao longo do tempo, e a sua distribuição espacial (quando emergiram, e quando desapareceram).

Zooming out (ter uma visão de falcão ou helicóptero na planície das práticas)

Outros são mais flexíveis e defendem modelação de práticas, métodos quantitativos. Padrões de práticas e mapeamento quantitativo e até análise de redes das práticas (ligações). Padrões dinâmicos de substituição e transformação das práticas ao longo do tempo e do espaço. Há vários estudos que ensaiaram o desenho de inquéritos por questionário nos elementos das práticas e as suas ligações (Bartiaux e Sálmon, 2012; Higginson, McKenna e Thomson, 2014).

UMA PALAVRA DE AVISO DA ELIZABETH SHOVE

“Taking “practice” as a central conceptual unit of inquiry generates a range of distinctive questions. The choice of methods depends on which of these questions you want to take up and pursue. Using practice theory is thus not directly tied to certain methods, but the choice of methods is – as always – dependent upon your specific research question.” (in <https://practicetheorymethodologies.wordpress.com/propositions-for-discussion/>)

”Considerar a “prática” como unidade conceptual central de investigação gera uma série de questões distintas. **A escolha dos métodos depende de qual destas questões se pretende abordar e perseguir.** Assim, a **utilização da teoria da prática não está diretamente ligada a determinados métodos,** mas a escolha dos métodos depende - como sempre - da **questão de investigação específica.**”

PÁGINA PARA INSPIRAÇÃO

<https://practicetheorymethodologies.wordpress.com/>

Referências bibliográficas

Bourdieu, P. (1990) *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.

Giddens, A. (1984) *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press.

Halkier, B., Martens, L., & Pink, S. (2014). *Researching habits: Advances in linguistic and embodied research practice*. *International Journal of Social Research Methodology*, 17(1), 1-9. DOI: [10.1080/13645579.2014.853999](https://doi.org/10.1080/13645579.2014.853999)

Halkier, B., & Jensen, I. (2011). *Methodological challenges in using practice theory in consumption research. Examples from a study of handling nutritional contestations of food consumption*. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 101-123.

DOI: [10.1177/1469540510391365](https://doi.org/10.1177/1469540510391365)

Halkier, B., Katz-Gerro, T., & Martens, L. (2011). *Applying practice theory to the study of consumption: Theoretical and methodological considerations*. *Journal of Consumer Culture*, 11(1), 3-13. DOI: [10.1177/1469540510391765](https://doi.org/10.1177/1469540510391765)

Postill, J. (2010) 'Introduction': theorizing media and practices', in B. Brauchler and J. Postill (eds), *Theorising Media and Practice*. New York: Berghahn Books, pp. 1-32.

Reckwitz, A. (2002) 'Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing'. *European Journal of Social Theory*, 5 (2): 243-263.

Schatzki, T. (1996) *Social Practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schatzki, T.; K. Knorr-Cetina and E. von Savigny (eds) (2001) *The Practice Turn in Contemporary Theory*. London: Routledge.

Shove, E. (2010) 'Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change' *Environment and Planning A*, 42 (6): 1273-1285.

Shove, E. and M. Pantzar (2005), 'Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic Walking' *Journal of Consumer Culture*, 5 (1): 43-64.

Shove, E.; M. Watson; M. Hand and J. Ingram (2007) *The Design of Everyday Life*. Oxford: Berg.

Shove, E.; M. Pantzar; M. Watson (2012) *The Dynamics of Social Practices: everyday life and how it changes*, London: Sage.

Spaargaren, G. (2011), *Theories of practices: agency, technology, and culture. Exploring the relevance of practice theories for the governance of sustainable consumption practices in the new world-order*, *Global Environmental Change*, 21: 813-822.

Taylor, C. (1971) 'Interpretation and the sciences of man'. *The Review of Metaphysics*, 25 (1): 3-51.

Truninger, M. (2011). *Cooking with Bimby in a moment of recruitment: exploring conventions and practice perspectives*. *Journal of Consumer Culture* Vol. 11, 1, 37-59.

Warde, A. (2014), *The Practice of Eating*, Cambridge: Polity Press.